



Produção do Comércio
Exterior Maranhense

ANO 2, N. 4

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Reitor: Prof. Dr. Natalino Salgado

Vice-Reitor: Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos

Expediente

Observatório Portuário

Coordenação

Dr. Sérgio Sampaio Cutrim

Vice-coordenação

Dr. Tadeu Gomes Teixeira

Pesquisadores

Dra. Darliane Ribeiro Cunha

Dr. Leo Tadeu Robles

Cientista de dados

Francisco Jadson Brito de Oliveira

Assistente de pesquisa

Luciane Maramaldo Oliveira

Karoline Oliveira Soares

Marketing e Redes Sociais

Letícia Oliveira Conceição

Periodicidade

Trimestral

Endereço

Av. dos Portugueses, 1996.

Vila Bacanga, São Luís - MA

CEP: 65080-805

Centro de Ciências Sociais

Departamento de Ciências Contábeis e Administração

Observatório Portuário

www.observatorioportuario.ufma.br

observatorioportuario@ufma.br

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

Produção do comércio exterior maranhense. Vol. 1, n. 1
(nov. 2022)- . -- São Luís : Universidade Federal do
Maranhão, 2022-

Periodicidade trimestral

v. 2, n. 4, 2023

Disponível em: <https://observatorioportuario.com.br/relatorios/>

1. Portos - Brasil. 2. Comércio internacional. I. Universidade
Federal do Maranhão. II. Observatório Portuário.

CDD (22. ed.) 387.10981

Tatyane Barbosa Philippi

Bibliotecária CRB 14/735

**Observatório
Portuário**

COPYRIGHT © 2022 BY UFMA



Baum Soluções Informacionais

Revisão de português e ABNT

Projeto gráfico

SUMÁRIO

02

APRESENTAÇÃO

03

QUEM SOMOS

05

1 INTRODUÇÃO

06

2 EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DO MILHO NO BRASIL

09

3 REGIÕES E ESTADOS PRODUTORES DE MILHO NO BRASIL

17

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

18

REFERÊNCIAS

19

6 CONVÊNIO

 Observatório
Portuário

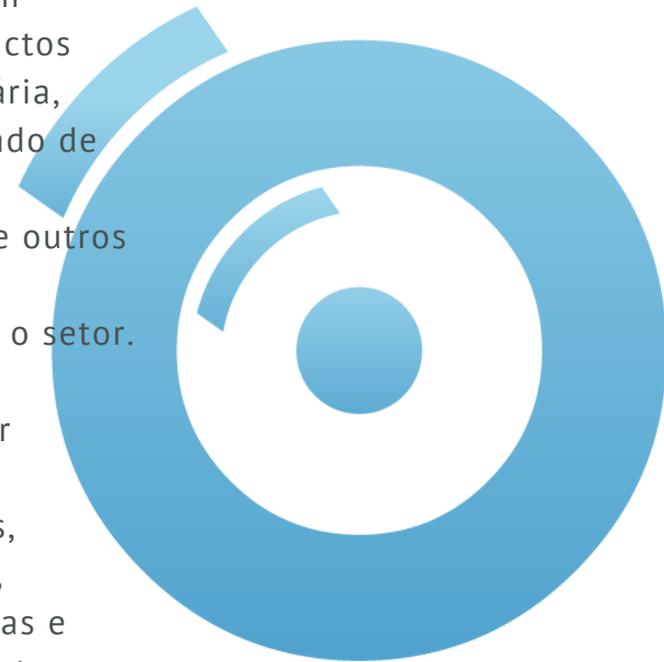
APRESENTAÇÃO

O Observatório Portuário é um *think tank* originado do Grupo de Pesquisa LabPortos da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). É um projeto institucional da nossa universidade e é financiado por meio de um Convênio de Educação, Ciência e Tecnologia e Inovação (ECTI), com a Empresa Maranhense de Administração Portuária (EMAP), administradora do Porto do Itaqui.

Há uma lacuna em nossa sociedade sobre informações do setor portuário e transporte aquaviário, impactos, condicionantes e drives de tendências. Existe uma verdadeira assimetria informacional com reverberação na relação porto-cidade, no engajamento dos stakeholders, na sustentabilidade e posicionamento ESG (*Environmental, Social and Governance*).

Nosso propósito é subsidiar os atores do setor portuário (gestores privados e públicos, empresários, trabalhadores e academia) com conhecimento gerado a partir de informações públicas disponíveis e analisadas a partir do contexto regional, sobretudo em aspectos relacionados aos impactos econômicos da atividade portuária, indicadores da atividade, mercado de trabalho, comércio exterior, movimentação portuária, dentre outros cenários e perspectivas que influenciam as estratégias para o setor.

Nossa missão é conectar o setor portuário com a sociedade. Esperamos que nossos produtos, disponibilizados gratuitamente, fomentem discussões, estratégias e políticas públicas para o ecossistema portuário.



Prof. Dr. Sergio Sampaio Cutrim



1 Prof. Dr. Sérgio Cutrim
Coordenador

2 Prof. Dr. Tadeu Gomes Teixeira
Vice - coordenador

3 Prof. Dr. Leo Tadeu Robles
Pesquisador

4 Profa. Dra. Darliane Ribeiro Cunha
Pesquisadora

5 Francisco Jadson de Oliveira
Cientista de Dados

6 Leticia Oliveira
Social Media

7 Mariana Esthefane Ribeiro
Assistente de Pesquisa

8 Luciane Maramaldo
Assistente de Pesquisa

9 Karoline Soares
Assistente de Pesquisa



10



INTRODUÇÃO

A produção de milho é uma atividade agrícola de grande relevância para a economia brasileira, pois contribui para o abastecimento interno e para a geração de divisas externas. O milho é um cereal que possui diversas aplicações, como alimento humano, animal e matéria-prima para a indústria. Além disso, o milho é uma cultura que se adapta bem às diferentes condições climáticas do país, podendo ser cultivado em todas as regiões.

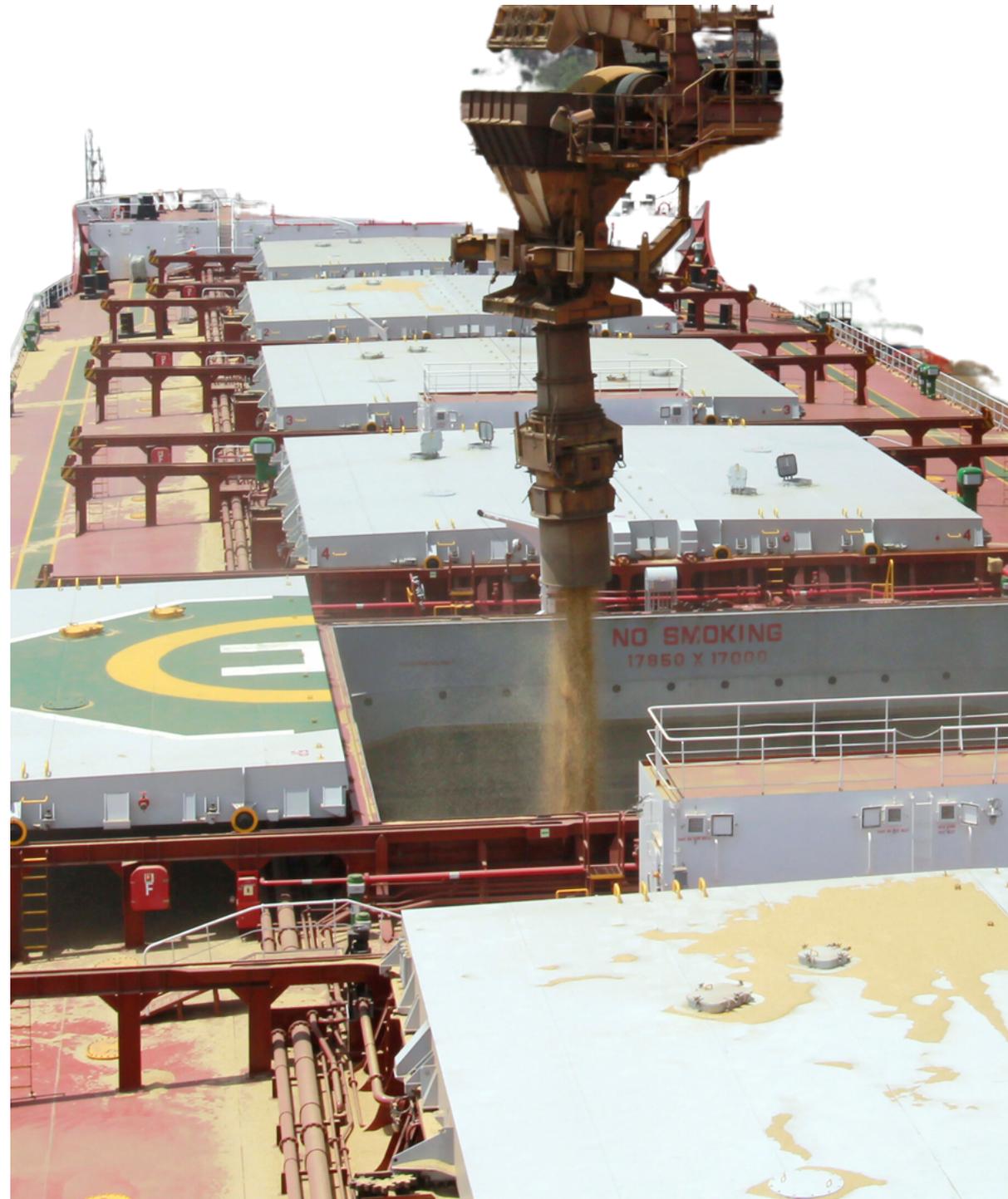
O milho é um produto estratégico para a segurança alimentar e para o desenvolvimento sustentável do país. Por isso, é fundamental que sejam adotadas políticas públicas que incentivem a pesquisa, a inovação, a assistência técnica e a infraestrutura para o setor produtivo do milho.

Segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o Brasil é o terceiro maior produtor de milho do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos e da China. Na safra 2020/2021, a produção brasileira de milho foi estimada em 102,3 milhões de toneladas, sendo 24,7 milhões de toneladas na primeira safra e 77,6 milhões de toneladas na segunda safra. A área plantada com milho no país foi de 19,5 milhões de hectares, com uma produtividade média de 5.246 kg/ha (CONAB, 2021).

O milho é um dos principais produtos da pauta de exportação do agronegócio brasileiro. Em 2020, o Brasil exportou 34,9 milhões de toneladas de milho, gerando uma receita de US\$ 6,2 bilhões. Os principais destinos do milho brasileiro foram o Irã, o Egito, o Vietnã, a Espanha e o Japão (CNA, 2021). O milho também é um insumo essencial para a cadeia produtiva de carnes e ovos no Brasil, pois representa cerca de 70% do custo da ração animal. A demanda interna por milho é estimada em 70 milhões de toneladas por ano (BRASIL, 2021).

A exportação de milho representou, de janeiro a junho de 2023, 6% das exportações pelo Maranhão, indicando o potencial de expansão dessa atividade, seja com produção local ou regional.

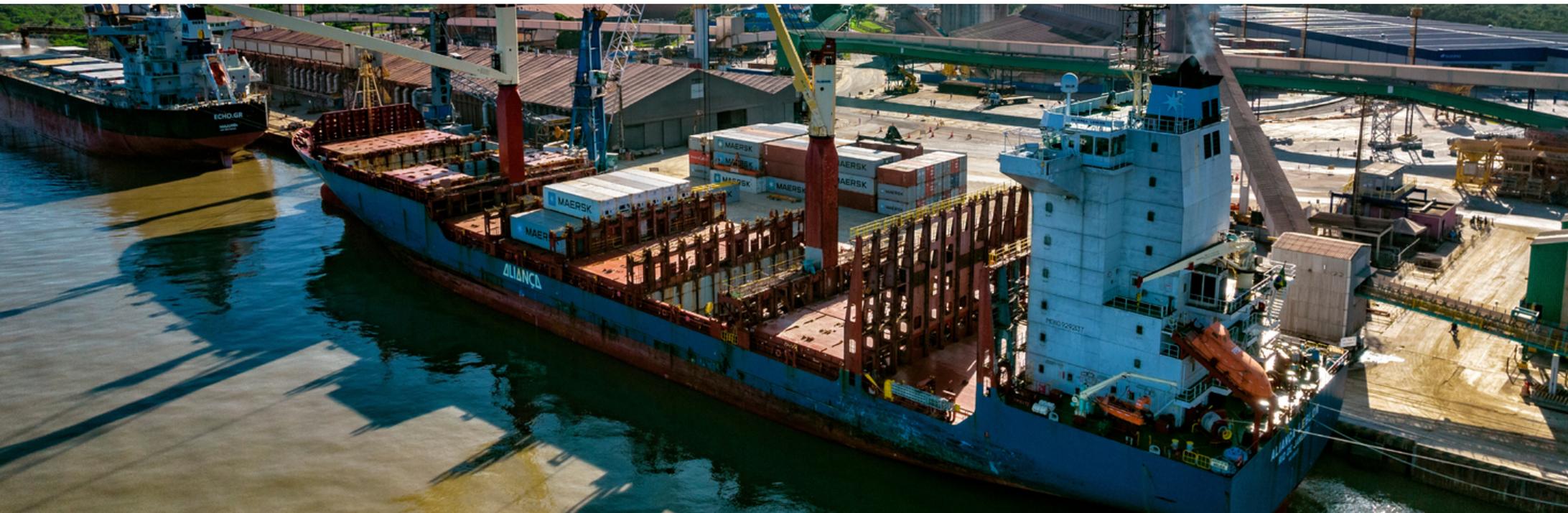
Por essa razão o foco desse relatório é apresentar informações que auxiliem no processo de compreensão, pela sociedade, das estratégias focadas no desenvolvimento da cultura do milho no Maranhão e no desenvolvimento regional.



2 EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DO MILHO NO BRASIL

A produção brasileira de milho vem crescendo de forma expressiva nas últimas décadas graças a fatores como o aumento da área plantada, a melhoria da produtividade, o uso de tecnologias e o desenvolvimento de variedades adaptadas às diferentes condições climáticas, solos e clima favoráveis.

A evolução da produção de milho no Brasil pode ser dividida em três fases: a primeira, que vai até a década de 1970, caracterizada pela predominância do cultivo de milho em pequenas propriedades, com baixo uso de insumos e baixa produtividade; a segunda, que vai da década de 1980 até o início dos anos 2000, marcada pela expansão da área plantada de milho nas regiões Centro-Oeste e Sul, com o aumento do uso de fertilizantes, defensivos e sementes melhoradas; e a terceira, que se inicia nos anos 2000 e se estende até os dias atuais, na qual se observa uma maior diversificação das regiões produtoras de milho, com destaque para o Nordeste e o Norte, além da adoção de sistemas integrados de produção, como o plantio direto, a rotação de culturas e a integração lavoura-pecuária-floresta.



A primeira fase da produção de milho no Brasil foi marcada pela baixa produtividade e pela dependência das condições climáticas. O milho era cultivado principalmente nas regiões Sudeste e Nordeste, em pequenas propriedades familiares, com pouca ou nenhuma mecanização. O uso de insumos como fertilizantes e defensivos era limitado, assim como o acesso a crédito e assistência técnica. A produtividade média do milho nessa fase era de cerca de 1 tonelada por hectare. Além disso, a produção era fortemente afetada pelas variações climáticas, especialmente pela seca no Nordeste.

A segunda fase da produção de milho no Brasil foi impulsionada pela demanda interna e externa pelo produto. O milho passou a ser utilizado como matéria-prima para a indústria de ração animal, especialmente para a avicultura e a suinocultura, que se desenvolveram nas regiões Sul e Centro-Oeste. Além disso, o Brasil passou a exportar milho para outros países, aproveitando as oportunidades abertas pelo mercado internacional. Nessa fase, houve um aumento significativo da área plantada de milho nas regiões Centro-Oeste e Sul, que passaram a responder por mais de 70% da produção nacional. O uso de insumos como fertilizantes, defensivos e sementes melhoradas também aumentou, assim como a mecanização e a irrigação. A produtividade média do milho nessa fase subiu para cerca de 3 toneladas por hectare.

Esse aumento na produtividade se deve a vários fatores, como o melhoramento genético das cultivares, o uso de sementes híbridas e transgênicas, o manejo integrado de pragas e doenças, a adubação adequada do solo, a irrigação em algumas regiões, a mecanização agrícola e a adoção de sistemas de plantio direto e rotação de culturas.

A terceira fase da produção de milho no Brasil é caracterizada pela maior diversificação das regiões produtoras e pela adoção de sistemas integrados de produção. O milho passou a ser cultivado em áreas que antes eram consideradas impróprias ou marginais para a cultura, como o Nordeste e o Norte. Essas regiões se beneficiaram do desenvolvimento de variedades adaptadas às suas condições de solo e clima, como o milho tropical e o milho transgênico. Além disso, os produtores passaram a adotar sistemas integrados de produção, como o plantio direto, a rotação de culturas e a integração lavoura-pecuária-floresta, que permitem aumentar a eficiência do uso dos recursos naturais e reduzir os custos de produção. A produtividade média do milho nessa fase ultrapassou 5 toneladas por hectare.



Entre 1991 e 2021, os indicadores da cadeia do milho passaram por muitas alterações e o crescimento é significativo. Em 1991, a produção era de 24,1 milhões de toneladas, enquanto em 2021, a produção foi de 87,1 milhões (PRODUÇÃO..., 2022). A área plantada também aumentou, de 11,4 milhões de hectares para 19,2 milhões de hectares no mesmo período (FORMIGONI, 2017). No entanto, o que mais chama a atenção é o salto na produtividade, que passou de 2.114 kg/ha em 1991 para 5.409 kg/ha em 2020/21, um aumento de mais de 150% (CRUZ, 2021).

Outro fator que contribuiu para o aumento da produção e da produtividade do milho no Brasil foi a expansão da segunda safra ou safrinha. A safrinha é o plantio do milho após a colheita da cultura principal, geralmente a soja precoce. Essa prática começou na década de 1980 nas regiões Sudeste e Centro-Oeste do país, aproveitando o período chuvoso que se estende até abril ou maio nessas regiões. Com o avanço da tecnologia e da genética das sementes, a safrinha se tornou uma opção rentável para os produtores, que passaram a diversificar suas fontes de renda e reduzir os riscos climáticos.

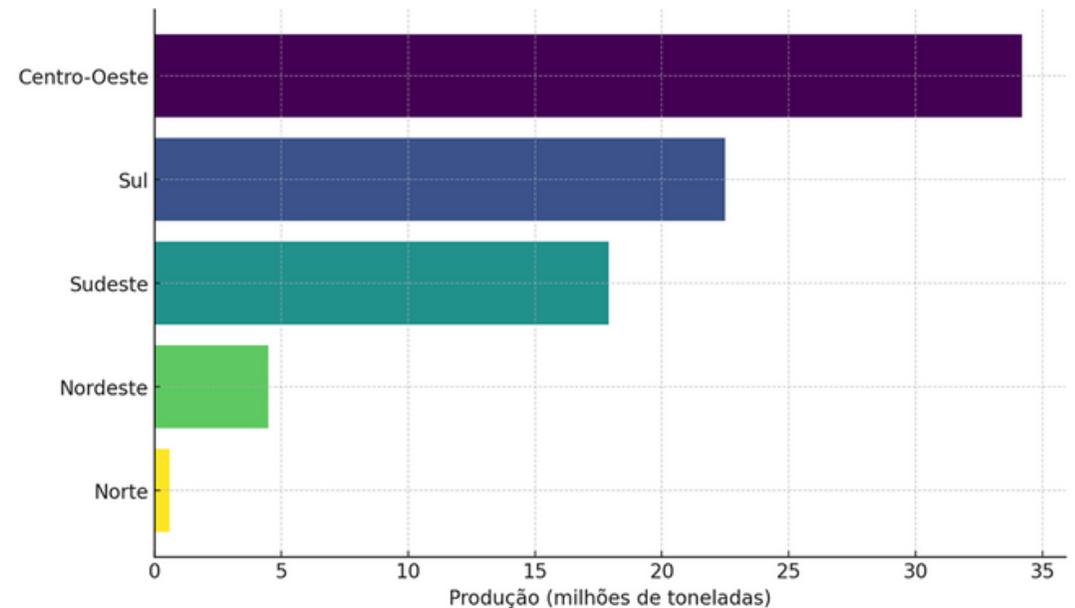
A safrinha representa cerca de 75% da produção nacional de milho, sendo cultivada principalmente nos estados do Mato Grosso, Paraná, Goiás, Mato Grosso do Sul e São Paulo. A safrinha tem algumas vantagens em relação à primeira safra, como menor incidência de pragas e doenças, menor custo de produção e maior preço de venda. No entanto, também tem alguns desafios, como a dependência das chuvas no final do ciclo, a competição com outras culturas de inverno e a logística de armazenamento e transporte (SILVA, 2023)..



3 REGIÕES E ESTADOS PRODUTORES DE MILHO NO BRASIL

De acordo com dados da CONAB referentes à safra 2021/2022, o Centro-Oeste é a região com a maior produção de milho no país, com uma participação de cerca de 50% na produção nacional. O Sul é a segunda região que mais produz milho no Brasil, com uma participação de cerca de 25% na produção nacional. O Sudeste é a terceira região que mais produz milho no Brasil, com uma participação de cerca de 20% na produção nacional. O Nordeste é a quarta região que mais produz milho no Brasil, com uma participação de cerca de 5% na produção nacional. O Norte é a quinta região que mais produz milho no Brasil, com uma participação de cerca de 0,5% na produção nacional, como se observa no Gráfico 1.

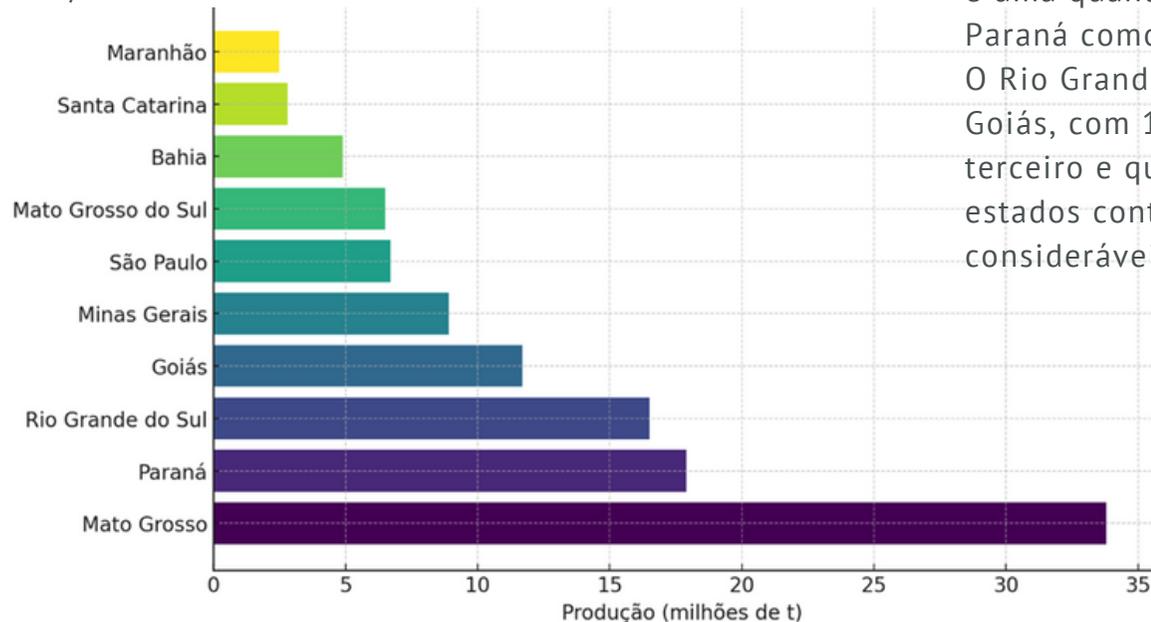
Gráfico 1 - Produção de milho por região brasileira na safra 2021/2022



Fonte: Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB (2023).

Ao mapear os estados que mais produzem milho no Brasil durante a safra 2021/2022, destaca-se as informações do Gráfico 2.

Gráfico 2 – Top 10 estados produtores de milho na safra 2021/2022



Fonte: Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB)/12º Levantamento da Safra de Grãos (2023).

A partir dos dados do Gráfico 2, percebe-se que o Mato Grosso lidera de forma significativa a produção de milho no Brasil, com uma produção notável de 33,8 milhões de toneladas. Este número representa uma parcela substancial da produção total de milho no país, evidenciando o papel crucial do Mato Grosso na agricultura nacional.

O Paraná ocupa o segundo lugar, com uma produção de 17,9 milhões de toneladas. Embora seja apenas pouco mais da metade da produção do Mato Grosso, essa ainda é uma quantidade significativa, reforçando a posição do Paraná como um importante centro agrícola.

O Rio Grande do Sul, com 16,5 milhões de toneladas, e Goiás, com 11,7 milhões de toneladas, seguem em terceiro e quarto lugares, respectivamente. Esses estados continuam a contribuir com volumes consideráveis para a produção total de milho.

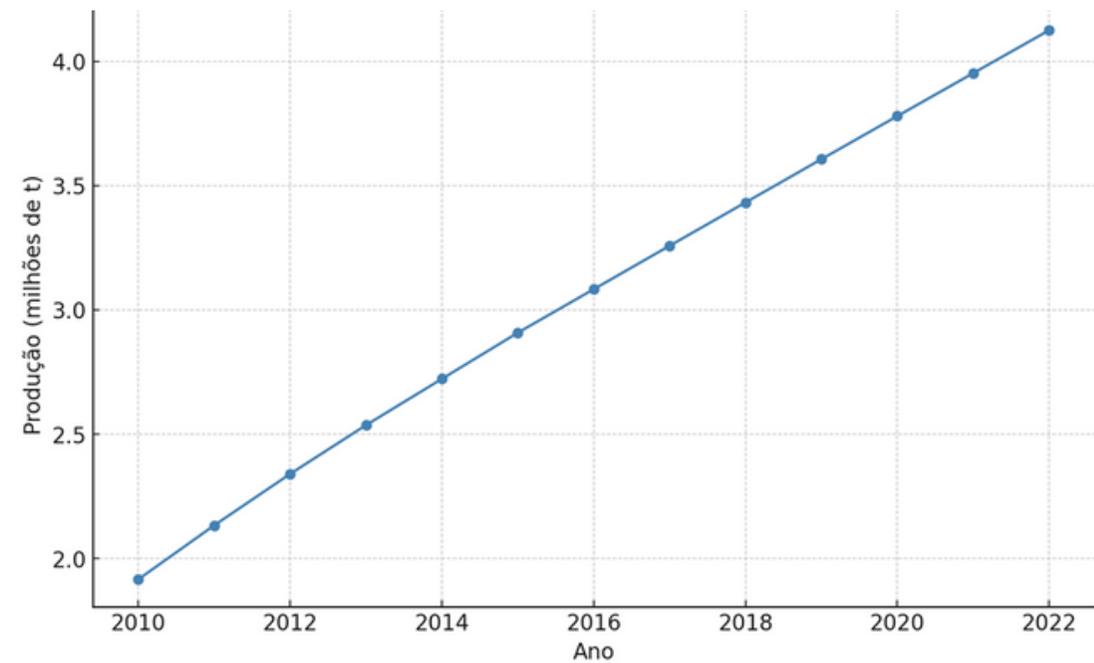
Os estados restantes – Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Bahia, Santa Catarina e Maranhão – todos apresentam produções variando entre 2,5 e 8,9 milhões de toneladas. Embora esses números sejam menores em comparação com os estados líderes, eles ainda representam contribuições valiosas para a produção total de milho do Brasil.

Apesar de figurar na décima posição, o Maranhão tem significativo destaque ao se considerar a evolução da produção.

A análise desses dados é crucial para a tomada de decisões estratégicas na indústria agrícola, permitindo identificar potenciais áreas de crescimento e oportunidades de investimento.

Ao detalhar a produção do Nordeste, verifica-se no Gráfico 3 a evolução da produção de 2010 a 2022.

Gráfico 3 – Evolução da produção de milho no Nordeste (em toneladas)

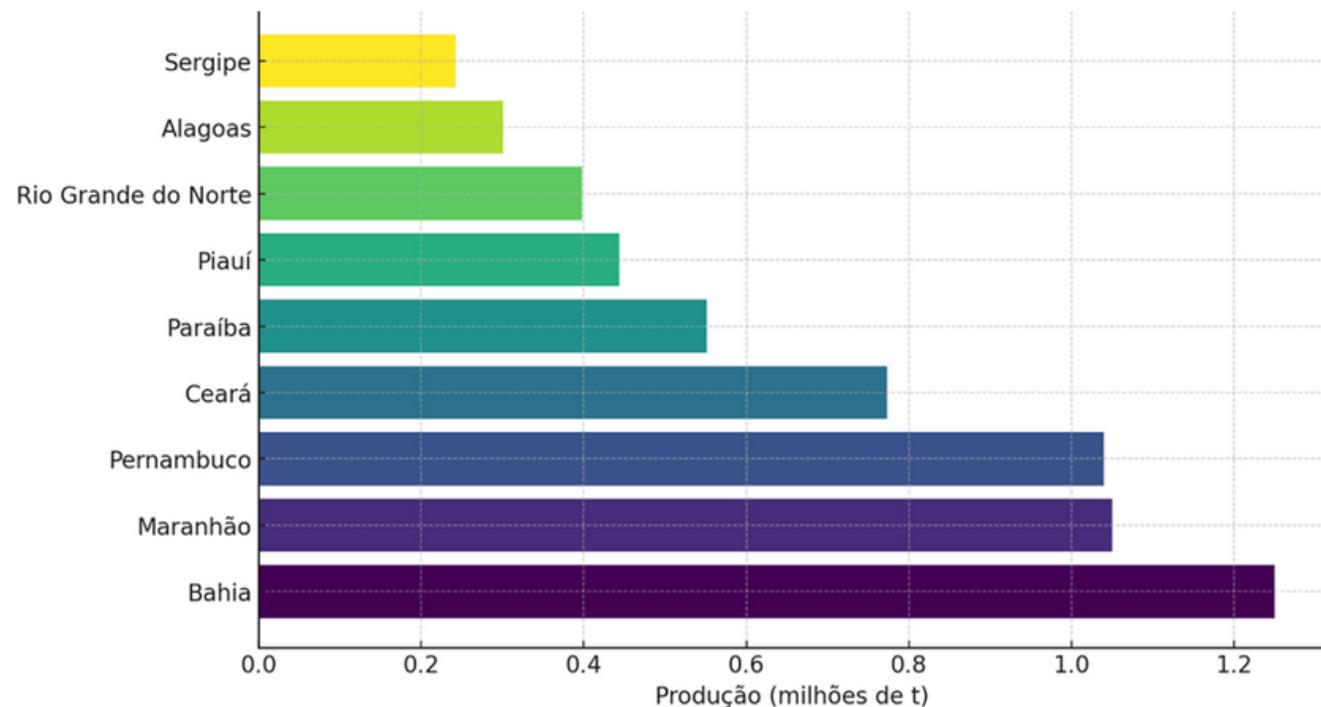


Fonte: Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB (2023).

Observa-se que ao longo do período de 12 anos houve um aumento constante na produção de milho na região Nordeste. Em 2010, a produção foi de cerca de 1,9 milhões de toneladas. Essa produção aumentou gradualmente ano após ano, atingindo cerca de 4,1 milhões de toneladas em 2022.

No Gráfico 4, por sua vez, verifica-se a evolução da produção por estado da região Nordeste.

Gráfico 4 – Evolução da produção de milho por estado da região Nordeste (jun. 2023)



Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) (2023).

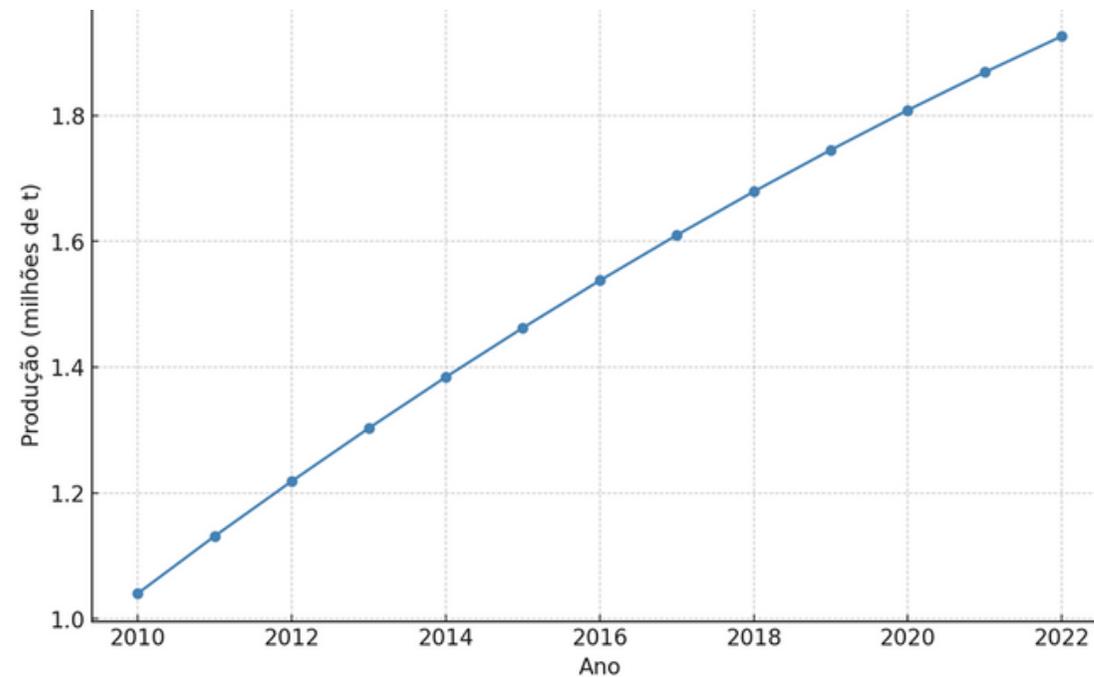
Conforme os dados mais recentes (junho de 2023), verifica-se que a produção se volta para a liderança da Bahia na produção de milho na região Nordeste, com 1,25 milhões de toneladas. Maranhão e Pernambuco seguem próximos, com 1,05 milhões e 1,04 milhões de toneladas, respectivamente.

Ceará e Paraíba apresentam produções intermediárias, com respectivamente 773 mil e 551 mil toneladas.

Piauí, Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe têm as menores produções entre os estados apresentados, variando entre 242 mil e 444 mil toneladas.

Dessa forma, o estado do Maranhão desponta como o segundo maior produtor regional.

Gráfico 5 – Evolução da produção do milho no Maranhão



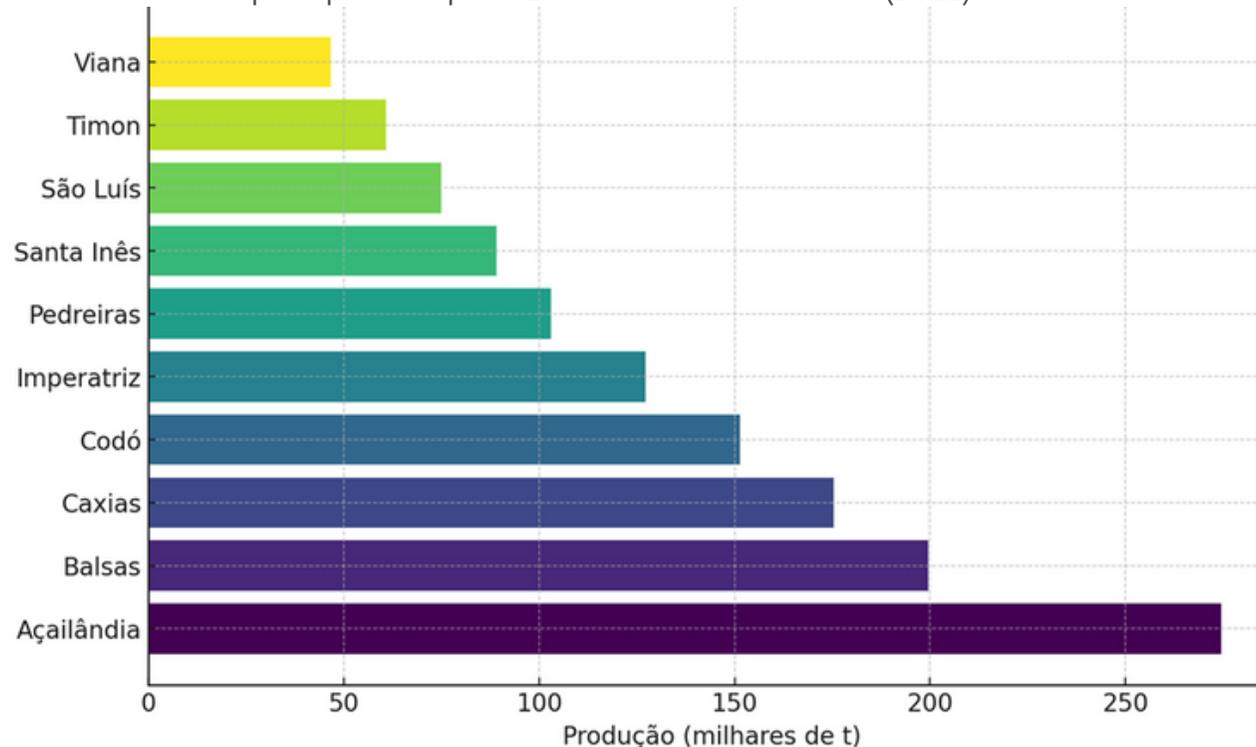
Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) (2023).

Açailândia lidera a produção de milho, com 274,6 mil toneladas. Balsas e Caxias seguem próximas, com 199,5 mil e 175,4 mil toneladas, respectivamente.

Codó, Imperatriz e Pedreiras apresentam produções intermediárias com, respectivamente, 151,3 mil, 127,2 mil e 103,1 mil toneladas.

Santa Inês, São Luís, Timon e Viana têm as menores produções entre os municípios apresentados, variando entre 46,7 mil e 89 mil toneladas. Esses municípios concentram cerca de 70% da produção de milho do estado, como se observa no Gráfico 6.

Gráfico 6 – Municípios que mais produziram milho no Maranhão (2022)



Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) (2023).

Na Tabela 1 estão representados os valores das exportações de milho, em toneladas, e a receita gerada, em dólares americanos, para vários estados brasileiros.

Tabela 1 – Exportação e receita da exportação de milho em 2022

Estado	Exportação (toneladas)	Receita (US\$)
Paraná	17,8 milhões	1,8 bilhão
Mato Grosso	11,6 milhões	1,2 bilhão
Goiás	6,7 milhões	700 milhões
São Paulo	5,3 milhões	550 milhões
Minas Gerais	4,8 milhões	480 milhões
Rio Grande do Sul	2,9 milhões	300 milhões
Bahia	2,6 milhões	270 milhões
Piauí	1,9 milhão	200 milhões
Tocantins	1,7 milhão	180 milhões
Mato Grosso do Sul	1,5 milhão	150 milhões
Maranhão	1,3 milhão	130 milhões

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Os dados indicam os seguintes destaques:

1. Paraná lidera tanto em termos de volume exportado quanto de receita, com 17,8 milhões de toneladas exportadas, gerando uma receita de 1,8 bilhão de dólares americanos.
2. Mato Grosso segue o Paraná de perto, com 11,6 milhões de toneladas exportadas e uma receita de 1,2 bilhão de dólares americanos.
3. Goiás e São Paulo apresentam volumes de exportação e receitas significativas. Goiás exportou 6,7 milhões de toneladas, gerando uma receita de 700 milhões de dólares, enquanto São Paulo exportou 5,3 milhões de toneladas, com uma receita de 550 milhões de dólares.
4. Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Bahia também apresentam volumes substanciais de exportação e receitas associadas. Minas Gerais exportou 4,8 milhões de toneladas (480 milhões de dólares em receita), Rio Grande do Sul exportou 2,9 milhões de toneladas (300 milhões de dólares em receita), e a Bahia exportou 2,6 milhões de toneladas (270 milhões de dólares em receita).
5. Piauí, Tocantins, Mato Grosso do Sul e Maranhão têm volumes de exportação mais baixos em comparação com os outros estados, variando de 1,3 milhões a 1,9 milhões de toneladas, e as receitas variam de 130 milhões a 200 milhões de dólares.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O milho desempenha um papel crucial na economia agrícola brasileira, sendo um dos principais motores de crescimento do setor e é amplamente utilizado tanto para consumo humano quanto para alimentação animal, além de ter aplicações industriais, como na produção de etanol e bioplásticos. A relevância do milho vai além da satisfação das necessidades domésticas, já que o Brasil é um dos maiores exportadores de milho do mundo, contribuindo significativamente para a balança comercial do país. A produção de milho é distribuída por todo o país, com estados se destacando pela contribuição significativa. Além disso, as exportações de milho também são uma fonte vital de receita para o Brasil, com estados como Paraná e Mato Grosso liderando em termos de volume exportado e receita gerada. A exportação de milho tem um impacto significativo na economia brasileira, não apenas pela receita direta gerada, mas também pelo papel que desempenha na criação de empregos, no apoio à infraestrutura rural e na contribuição para o PIB.

No entanto, a produção e a exportação de milho também apresentam desafios. Questões como mudanças climáticas, preços voláteis dos produtos agrícolas e custos crescentes de produção são fatores que podem afetar a lucratividade e a sustentabilidade da produção de milho. Além disso, a dependência do milho como fonte de alimentação animal coloca uma pressão adicional sobre a necessidade de aumentar a produção para atender à crescente demanda. A produção e a exportação de milho desempenham um papel crucial no apoio ao crescimento econômico do país, na criação de empregos e na geração de receita em dólares. A gestão eficaz desses recursos, juntamente com a implementação de práticas agrícolas sustentáveis e resilientes, será essencial para garantir o futuro do setor de milho no Brasil. Dessa forma, o milho é um componente integral e vital da economia agrícola do Brasil. Nesse sentido, o estado do Maranhão, como produtor regional e com estrutura de exportação, tem uma significativa janela de oportunidade a explorar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. **Estatísticas de comércio exterior - balança comercial brasileira - ano 2020**. Brasília, DF, 2021. Disponível em: http://www.mdic.gov.br/balanca/bd/comexstat-bd/ncm/EXP_2020_NCM_COMPLETA.zip. Acesso em: 08 jul. 2023.

CNA. **Milho**: análise da conjuntura agropecuária - maio/2021. Brasília, DF, 2021. Disponível em: <https://www.cnabrazil.org.br/assets/arquivos/milho-maio-2021.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

CONAB. **Acompanhamento da safra brasileira de grãos**. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safra/gaos>. Acesso em: 10 jul. 2023.

CONAB. **Acompanhamento da safra brasileira**: grãos - décimo primeiro levantamento - agosto/2021. Brasília, DF, 2021. Disponível em: https://www.conab.gov.br/info-agro/safra/gaos/boletim-da-safra-de-gaos/item/download/29276_9f0c7b4d8c8f0e3b9f4c2d8e7b7c4f8c. Acesso em: 09 jul. 2023.

CRUZ, José Carlos. **Milho**: produção. Brasília, DF: Embrapa, 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/cultivos/milho/producao>. Acesso em: 02 jul. 2023.

FORMIGONI, Ivan. Evolução da produtividade do milho no Brasil: 40 anos de história. **Farmnews**, 2 jul. 2017. Disponível em: <https://www.farmnews.com.br/mercado/produtividade-do-milho/>. Acesso em: 03 jul. 2023.

IBGE. **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9107-levantamento-sistematico-da-producao-agricola.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 09 jul. 2023.

PRODUÇÃO e produtividade de milho: veja a evolução nos últimos 30 anos. **Nidera sementes**, 11 fev. 2022. Disponível em: <https://somensilhoes.com/producao-e-produtividade-do-milho-nos-ultimos-30-anos/>. Acesso em: 03 jul. 2023.

SILVA, Andre Felipe Moreira. Safrinha de milho: o que é, como surgiu e qual sua importância. In: AEGRO, 23 abr. 2023. Disponível em: <https://blog.aegro.com.br/safrinha-de-milho/>. Acesso em: 03 jul. 2023.

5 CONVÊNIO



Principal exportador de grãos na região Centro-Norte, o Itaqui é o único porto público do Brasil com quatro certificações ISO: 9001 (Qualidade), 14001 (Meio Ambiente), 27001 (Segurança da Informação) e 45001 (Segurança e Saúde Ocupacional).

Conectado ao restante do país por modernas ferrovias e rodovias, o Itaqui destaca-se como o principal porto do Corredor Centro-Norte do país, um trabalho reconhecido com nota máxima no IGAP - Índice da Gestão das Autoridades Portuárias, categoria do Prêmio Portos + Brasil 2022, do Ministério de Infraestrutura.

O presente relatório do Observatório Portuário é fruto de um Convênio de Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação (ECTI), celebrado com a Empresa Maranhense de Administração Portuária, administradora do Porto do Itaqui. Cabe registrar informações institucionais sobre o Porto do Itaqui.

Estrategicamente localizado próximo aos principais mercados mundiais, o porto público do Maranhão possui infraestrutura para movimentar grãos sólidos vegetais e minerais, líquidos, cargas gerais e contêineres. Em 2021 foram movimentadas mais de 31 milhões de toneladas de cargas, ano em que 24 marcas históricas foram superadas, com destaque para soja, combustíveis e fertilizantes.

Porto do Itaqui, patrimônio do Maranhão e do Brasil



Fonte: EMAP, 2022.

SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS



TWITTER

@obs_portuario



INSTAGRAM

@observatorioportuario